



II DOMINGO DO TEMPO PASCAL – A - *Jesus aparece aos Apóstolos*

Jo 20,19-31

Caros irmãos e irmãs,

Nestes dias a Igreja canta sua fé e a sua alegria pascal, porque celebramos a Ressurreição do Cristo Senhor. Ressoa ainda em nossos ouvidos o Salmo: “Este é o dia que o Senhor fez para nós, alegremo-nos e nele exultemos” (Sl 117,24). Cada domingo da Páscoa se reveste de uma solenidade especial, com leituras apropriadas, ressaltando o importante momento litúrgico. E neste domingo, a primeira leitura nos apresenta um significativo trecho do Livro dos Atos dos Apóstolos, onde sintetiza o estilo de vida dos primeiros cristãos: comunidade de fé, comunidade de vida, comunidade de oração e ainda descreve os primeiros tempos da Igreja, como comunidade da Palavra e da Eucaristia: “Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna e à fração do pão” (At 2,42), costume que se perpetua até os nossos dias.

Em cada domingo, somos chamados a imitar estes exemplos dos primeiros cristãos e nos reunimos para ouvir os ensinamentos dos apóstolos e para participar na fração do pão e na oração comum. Que possamos continuar sendo esta comunidade fraterna e reunida em seu nome, para que o próprio Cristo possa estar no meio de nós.

O Evangelho nos apresenta as duas aparições de Jesus aos seus discípulos: uma na tarde do dia da Ressurreição, e a outra, oito dias depois. O texto que nos é proposto está dividido em duas partes bem distintas. Na primeira parte (v. 19-23), descreve-se uma “aparição” de Jesus aos discípulos. Pode-se observar em um primeiro momento a situação de insegurança e de fragilidade em que a comunidade estava: o “anoitecer”, as “portas fechadas”, o “medo”, e Jesus aparece no meio deles, “no centro” (v. 19). Ao aparecer “no meio deles”, Jesus assume-se como ponto de referência como um fator de unidade.

Os discípulos estão reunidos ao seu redor, pois ele é o centro onde todos vão buscar as forças necessárias para que possam vencer o “medo” e a hostilidade do mundo. A estes discípulos, enfraquecidos pelo medo, ao anoitecer, sinal de trevas de um mundo indiferente, Jesus transmite duplamente a paz (v. 19 e 21). É o “shalom” hebraico, que tem o sentido de harmonia, serenidade, tranquilidade, confiança. Assegura-se, assim, aos discípulos que ele venceu aquilo que o assustava, ou seja, a morte, a opressão, a apatia do mundo; e que, de agora em diante, os discípulos não têm razão para ter medo. Jesus já havia dito muitas vezes a eles: “Não tenhais medo”.

Em seguida, vimos que Jesus “soprou” (v. 22) sobre os discípulos reunidos à sua volta. O verbo aqui utilizado é o mesmo do texto de Gn 2,7, quando se diz que Deus soprou sobre o homem de argila, infundindo-lhe a vida. Com o “sopro” de Gn 2,7, o homem tornou-se um ser vivente. Ao soprar sobre os Apóstolos, Jesus transmite a eles

a vida nova que os fará homens novos. Com isto, eles passam a ser portadores do Espírito Santo, a vida de Deus, para poderem, como Jesus, doar-se também aos outros.

Na segunda parte do Evangelho (vv. 24-29), encontramos uma catequese sobre a fé, onde o apóstolo Tomé faz uma experiência de Cristo vivo. O texto nos faz rever a experiência do encontro dos apóstolos com o Cristo ressuscitado, que aparece no cenáculo, na noite do mesmo dia da ressurreição, “o primeiro da semana”, e sucessivamente “oito dias depois” (cf. Jo 20,19.26). Aquele dia, chamado posteriormente de “domingo”, que quer dizer “dia do Senhor”, o dia em que a comunidade cristã se reúne para celebrar a Eucaristia. Com efeito, com a celebração do Dia do Senhor os primeiros cristãos iniciam um culto diverso em relação ao sábado judaico.

Em cada Celebração Eucarística temos um encontro com o Senhor Ressuscitado, que torna-se realmente presente no meio da comunidade, fala-nos nas Sagradas Escrituras e parte para nós o Pão de vida eterna. Através destes sinais nós vivemos a mesma experiência dos apóstolos, isto é, o fato de ver Jesus e ao mesmo tempo de não o reconhecer; de tocar o seu corpo e estar em comunhão com Ele.

O texto evangélico nos diz que Jesus “apareceu”; ou seja, ele “deixou-se ver”. Na verdade, depois da ressurreição, Jesus pertence a uma esfera da realidade, que normalmente se subtrai aos nossos sentidos. Não pertence mais ao mundo perceptível com os sentidos, mas ao mundo de Deus. Por conseguinte, só pode vê-lo aquele a quem ele próprio o concede. Ele deixa as suas chagas serem tocadas por Tomé, todavia, Ele não é um homem que voltou a ser como antes da morte. Impressiona, acima de tudo, o fato de os discípulos, em certas aparições, em um primeiro momento não o reconhecerem. Isto acontece não só aos discípulos de Emaús, mas também a Maria Madalena e, depois, uma vez mais, junto do mar de Tiberíades. Em outras palavras trata-se de um reconhecer a partir de dentro.

Jesus chega estando as portas fechadas, apresenta-se de improviso no meio dos apóstolos, atingidos pelo medo. E, correlativamente, desaparece, como no fim do encontro com os discípulos de Emaús. Jesus aparece plenamente corpóreo, mas não está ligado às leis da corporeidade e liberdade dos vínculos do corpo, manifesta-se a essência peculiar, misteriosa, da nova existência do Ressuscitado. Com efeito, ele é o mesmo, ou seja, Homem de carne e osso, e Ele é também o novo, aquele que entrou em um gênero diverso de existência. O fato é que Jesus é verdadeiramente homem; e como homem, Ele sofreu e morreu; agora vive de modo novo na dimensão do Deus vivo; aparece como verdadeiro homem, todavia, a partir de Deus: e ele mesmo é Deus. Jesus não voltou à existência empírica, sujeita à lei da morte, mas ele vive de modo novo na comunhão com Deus (cf. BENTO PP XVI, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição*, Rio de Janeiro, 2011, p. 238).

É importante conhecermos alguns símbolos pascais, que se revestem de expressivos significados. Dentre estes símbolos, pode-se destacar o Círio Pascal, que representa o Cristo ressuscitado, vencedor das trevas e da morte. A palavra "círio" vem do latim "cereus", que se pode traduzir por *de cera*. É o símbolo de Cristo - Luz -, e é colocado sobre uma coluna ou candelabro, devidamente ornamentado, até o dia de Pentecostes. Desde os primeiros séculos o Círio é um dos símbolos mais expressivos do Tempo Pascal. Nele encontramos uma inscrição em forma de cruz, acompanhada da

data do ano em curso e das letras *Alfa* e *Ômega*, a primeira e a última letra do alfabeto grego, para indicar que a Páscoa do Senhor Jesus, é o princípio e fim do tempo e da eternidade, e nos alcança com força sempre nova no ano concreto em que vivemos. O Círio Pascal tem ainda incrustados em sua cera cinco cravos de incenso que simbolizam as cinco chagas do Cristo.

Uma vez concluído o tempo Pascal, o Círio é conservado no batistério. É usado durante os batismos e nas exéquias, para ressaltar o princípio e o fim da vida temporal, para simbolizar que um cristão participa da luz de Cristo ao longo de todo o seu caminho terreno, como garantia de sua incorporação definitiva à Luz da vida eterna. Além do simbolismo da luz, o Círio Pascal tem também o marco de uma oferenda, como cera que se consome em honra de Deus, espalhando sua Luz. A Ressurreição de Cristo nos faz lembrar que também devemos ser luz, a fim de levarmos a luz aos outros. Para isso, devemos estar unidos a Cristo, como diz São Paulo: Instaurar todos em Cristo (Ef 1,10).

Contudo, possamos todos nós fazer esta mesma experiência de Tomé e, com ele, coloquemos também as nossas mãos no lado traspassado de Jesus e professemos: “Meus Senhor e meu Deus” (Jo 20,28). Que possamos reconhecer no Cristo Ressuscitado o nosso Senhor e o nosso Deus, assim como fizeram também muitos santos, que souberam edificar a Igreja com o testemunho de fé, de amor e de coragem, e anunciaram Jesus Cristo com os seus ensinamentos e com o testemunho de vida. Que eles possam interceder por nós, para que possamos também, sem cessar, buscar a santidade e continuar a nossa peregrinação a caminho da pátria celeste. Assim seja.

D. Anselmo Chagas de Paiva, OSB
Mosteiro de São Bento/RJ